

## Polimorfices Kogawa

Lilian Zaremba<sup>1</sup>

### Resumo

Este artigo pretende servir como introdução ao texto “Rádio Polimorfo”, escrito por Tetsuo Kogawa, descrevendo suas propostas inovadoras em produção, transmissão e recepção de mensagens radiofônicas. Considerado um dos mais ativos e interessantes pensadores dos media contemporâneos, o professor japonês propõe a observação de antigos conceitos sobre a comunicação radiofônica, sugerindo um novo horizonte de análise.

### Palavras chave

rádio polimorfo – rádio livre – ativismo cultural

**“... à partir do momento que a percepção é alterada, junkie food também passa por cozinha gourmet” (Tetsuo Kogawa)**

É sempre uma surpresa quando o pensamento criativo nos arrebatava sugerindo inovação. Embora o tempo todo estejamos em contato com informações é um tanto raro quando alguma delas nos transporta para outras instâncias, territórios aonde a complexidade do raciocínio rabisca idéia simples e sofisticada como uma caligrafia oriental.

Assim, o rádioalfabeto de Tetsuo Kogawa se revela para mim.

Nele as letras redesenham conceitos, remetidas ao raciocínio já expresso por McLuhan ao profetizar a obsolência do rádio. Sim, há tempos o rádio está no fim.

Kogawa dobra esta aposta do teórico canadense reforçando-a na observação de Heidegger: “... o fim sugere conclusão, o lugar no qual toda história é reunida em sua mais extrema possibilidade”<sup>2</sup>. Na ponta final e atual desta

---

<sup>1</sup> Pesquisadora, roteirista e produtora da Rádio MEC/RJ, Ph.D em Comunicação e Cultura ECO/UFRJ.

<sup>2</sup> Heidegger, Martin – Being and Time, citado por Kogawa, Tetsuo em “Toward a Polymorphous Radio”, texto disponível no site <http://anarchy.translocal.jp>

história radiofônica, quase ao mesmo tempo em que o telégrafo é definitivamente aposentado nos Estados Unidos (aonde ainda estava sendo utilizado) fungos ameaçam nossa memória ao cobrir figuras desenhadas nas grutas pré-históricas de Lascaux... enquanto os anseios por um *novo* rádio se desloca para a rede internet.

Signos extremos do silêncio e da noite atravessam a finitude deste caminho aonde a magia da comunicação à distância alinha cadeia de inventos e na velocidade do tempo contemporâneo, descarta cada vez mais rápido seus aparatos. O cotidiano chega a ser devastador: mal as estações emissoras se equipam com nova e determinada tecnologia, o mercado já está preparando o lançamento de outras, “melhores”...

O fim sempre renovado.

Quase em paralelo a este processo de encerramento conclamado nas substituições incessantes da produção tecnológica de aparatos para a comunicação, navega a formulação das idéias e conceitos de um rádio polimorfo, aparente revelia nesta paisagem.

Nela Tetsuo Kogawa golpeia o conceito de emissor-meio-receptor, o fim mesmo da idéia de “informação transmitida”, afirmando que “conceitos populares da comunicação se tornaram obsoletos assim que a Internet começou”<sup>3</sup>. Mas nesse caminho bastante alterado, admite o filósofo japonês, também a inclemência do tempo despencou sob a própria noção de “liberdade” como ideologia.

O vigor destas formulações salta aos olhos quando se passeia pelo site <http://anarchy.k2.tku.ac.jp> reunindo seus textos, gravações, história das transmissões em rádio livre, reflexões sobre a transformação da leitura no ambiente das redes de computador ou individualismo eletrônico, manifestos, tudo isso entre belas imagens. Dentro deste *menu gourmet* estimulante situa-se o texto “Toward Polymorphous Radio”.

Kogawa começou a trabalhar nos anos 80 a idéia de um rádio aonde as unidades de transmissão fossem cada vez mais dinâmicas e independentes, capaz de reunir um conglomerado autônomo, uma rede polimorfa aonde a utopia dos primórdios encontrasse renovação. Rudolf Arnheim, Berthold Brecht e outros clamaram pelas possibilidades de expressão e comunicação radiofônicas, embora como lembrou Lluís Bassot, já naquela altura dos anos 30 o rádio estivesse segmentado, configurado como transmissor em uma só via de outras formas de expressão como literatura ou teatro.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Kogawa, Tetsuo – Two or three things that I know about streaming media. Texto disponível no site <http://anarchy.k2.tku.ac.jp>

<sup>4</sup> Meditsch, Eduardo (org) – Teorias do Rádio, textos e contextos, Florianópolis: Insular, 2005 p.103.

Nascido na cidade de Tóquio em 1941, graduado em Filosofia pela Universidade de Sofia (1966) e Ph.D. em Filosofia pela Waseda University, este professor de Estudos da Comunicação na Musashino Art University, Department of Imaging Arts and Sciences, publicou mais de trinta livros reunindo formulação pessoal acerca de espaço urbano, media cultura, filmes, ativismo e micro política. Dr. Kogawa é artista cuja estética perpassa a cultura técnica e seu valor extremo, aonde construir um transmissor para estação de rádio mini-fm pode ser como o desenhar de uma caligrafia. Até porque, lembra o mestre, antes da metamorfose institucional toda tecnologia possui viabilidade artística já expressa em sua origem etimológica na palavra grega “tekne”, ou seja, “arte” e “artesanato”.

Na precisão de seu pensamento e humor neste movimento contra a maré da redução, da prática habitual da comunicação aonde os processos de produção e transmissão de mensagens se equilibram na demolição conceitual estimulada nos últimos aparatos da tecnologia e ganhos de capital, Mr. Kogawa insere sua percepção de que “arte e negócio procuram diferentes *telos*”<sup>5</sup>

Sim, junkie food pode virar iguaria aos olhos de quem não enxerga a distancia entre determinado bloco monolítico de rádio e seus ouvidos. Neste sentido, ouvir este rádio polimorfo será como escutar aquele canto da sereia: a realização dos desejos importará menos do que a possibilidade de seguir ativando a imaginação.

### **Mini FM, máxima conexão**

A importante febre das rádios livres desencadeada nos anos 60, seria realimentada vinte anos mais tarde na popularização dos novos aparatos para produção e transmissão de mensagens, tecnologia digital aonde a infovia daria caráter doméstico à idéia de uma rede. Kogawa estivera na Europa em contato com o movimento de rádios livres e Félix Guatarri, acompanhando sua experiência radiofônica na procura por reverter “... *o processo de desterritorialização promovido pelo estado e seus aliados utilizando mídias, psicanálise e linguagem como máquinas de controle da vida no mundo moderno*”<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Kogawa, Tetsuo – Tw or three things I know about streaming media , texto disponível no site do autor.

<sup>6</sup> Barbrook, Richard – The Holy Fools, Nettime Archive, agosto, 1998.

Entrevistaria Guatarri em 1980 embarcando na militância, tentando modificar a situação *terrível dos meios de comunicação de massa japoneses*.<sup>7</sup>, desenvolvendo uma série de experiências em montagens de estações em FM denominadas “Mini-FM”. Estas emissoras com potência de apenas 100 miliwatts, escapavam das regras reguladoras do Estado no Japão, florescendo voz própria nesta brecha da autoridade. O movimento buscava resistir à acomodação da subcultura, iluminando questões como a amnésia produzida pelos canais de massa.

O conceito deste rádio polimorfo está baseado na reconstrução e redescoberta da comunicação entre os indivíduos criando uma comunidade eletrônica diferente da tradicional, isto é, não está baseada em etnia, geografia ou aspectos físicos. Esta nova percepção comunitária foge das facilidades genéricas, buscando suas possibilidades extremas incentivando diversidade cultural

Estes foram os principais motivos para o nascimento deste Rádio Livre, encontrando no Japão naquela altura dos anos 80 um cenário específico: a maior parte das cidades japonesas possuía apenas uma estação de rádio FM, às vezes nem isso. Esta escassez tinha motivo: era necessário conseguir autorização do governo para operar uma emissora e quase sempre quem obtinha esta permissão eram os próprios funcionários aposentados, ou seja, uma espécie de duplicação da própria voz oficial.

Nesta atmosfera limitada e na esteira de um ativismo político crescente, surgia a demanda por canais de programação variada ao mesmo tempo em que a indústria japonesa se dirigia aos jovens oferecendo novas ferramentas de comunicação para consumo. Lançando mão de peças disponibilizadas no mercado, qualquer um podia montar sua própria estação FM, inicialmente chamadas de “piratas”.

Expostos às rigorosas leis japonesas para utilização das ondas eletromagnéticas, Kogawa e seus amigos buscaram uma brecha para poder levar adiante sua emissora. Acabaram encontrando no artigo 4 do Livro de Regulamentações do Rádio a afirmação de que seria permitida a transmissão sem licença caso a potência do aparelho transmissor fosse muito baixa. A rigor, esta cláusula foi disposta ali para atender ao comércio eletrônico da indústria de brinquedos e seus objetos com controle remoto.

Ativista político e cultural, Kogawa em artigos e palestras, procurou neste período reforçar estas idéias, dando origem a segunda etapa desta iniciativa

---

<sup>7</sup> Kogawa, Tetuso – O rádio livre no Japão. In: Zaremba, Lilian e Bentes, Ivana (org) Rádio Nova, Constelações da Radiofonia Contemporânea, p.83, número2. Rio de Janeiro: Publique/ECO-UFRJ,1998.

no fim de 1982 quando inaugurou junto com seus alunos a emissora Radio Polybucket.

Funcionando no campus universitário, estimulou o aparecimento de outras emissoras como a estação Kids, formada por artistas, jovens músicos e negociantes com o intuito de promover suas idéias e negócios.

Cerca de um ano depois, o movimento da emissoras Mini-FMs contabilizava mais de cem estações em bares, campus escolares, feiras e ruas. Empresas como a Sony, Hitachi ou Panasonic, atentas a esta tendência rapidamente colocaram a venda transmissores especiais para uso em Mini-FM.

Este *boom* foi ao mesmo tempo fantástico e fragmentador.

Formou-se verdadeiro quebra cabeça de rádios livres mas em sua maioria, distantes da idéia de confluência de transmissões, perpetuavam a dispersão utilizando o “broadcasting” tradicional. A pretensa comunicação em multi vias, isto é, todos transmitindo e recebendo seria mais uma vez lançada ao escanteio por este novo *boom* da comunicação radiofônica. Ou um novo fim.

### **Anarco-radiofonia: idéia e prática**

Passado o ano de 1982, Kogawa e seus alunos redefiniram os rumos da estação mini-FM, rebatizada Radio Home Run e agora estabelecida em Tóquio mas fora do campus universitário. Com programação musical, entrevistando pessoas envolvidas no ativismo político e cultural, sistematizou transmissões na faixa horária entre 8 da manhã e meia noite. A questão do horário seria uma das primeiras a ser observadas quando se pretendeu reunir uma comunidade eletrônica. Observações demonstravam audiências qualificadas e quantificadas pela hora do dia e no caso da emissora universitária basicamente estudantil, o horário de funcionamento deveria acompanhar os momentos em que esta comunidade efetivamente existisse.

Pensadores como Félix Guattari, Ivan Illich ou apenas ouvintes curiosos, passaram a falar nos microfones da emissora Home Run que mais parecia um quarto desarrumado de algum estudante: sentados no chão, descalços, tomando chá ou café, conversavam sobre noções de transmissão transversal e molecular, diferenças radicais entre esta proposta de rádio livre e as convencionais, entre aglutinar e dispersar mensagens, entre outros assuntos. A Radio Home Run se aglutinava a outras emissoras de baixa potência, formando uma cadeia aonde a informação corria uma para as outras, não como meras repetidoras de programação, mas num contraponto de vozes,

polifonia de idéias. A emissão oferecida por este desencadeamento entre várias mini-fms, reunia mais do que dispersava, “narrowcasting” e não “broadcasting”. Naturalmente, num espaço densamente povoado como a cidade de Tóquio, uma emissora de baixa potência consegue alcançar público significativo.

Entretanto a parte técnica, considerando a pequena amplitude de transmissão, perdia muita qualidade sonora nesta multiplicação e assim, Kogawa e seus pares chegaram a conclusão de que deveriam limitar a área de transmissão em meia milha.

Estabelecido o padrão de alcance e limitada a área para sua execução, tomava forma o “rádio polimorfo” ou como seu criador inicialmente nomeou, “Polymorphous Media”.

## **Polymedia**

Interessante destacar neste movimento inovador capitaneado no Japão por Tetsuo Kogawa será o fato de unir nestas suas propostas aspectos da técnica e da arte no médium rádio. Nem sempre as sugestões inovadoras conseguem definir a conjugação destes dois patamares do fazer radiofônico. De fato, a grande questão atual tem sido colocada pela emissão sonora acompanhada por imagens na rede Internet: haverá vida radiofônica ali ?

Polymedia não se destina, lembra seu formulador, apenas a ligar, conectar, fazer circular informação em um só nível como pequenas unidades de transmissão e recepção umas às outras<sup>8</sup>, principal nesta idéia será fugir a manipulação do poder obtendo o controle das ferramentas. Segundo destaca, *a comunicação humana é baseada em reunião estrutural e não apenas em um canal de convergência (...) rádio pode servir como veículo de comunicação não apenas para transmissão e sim para o envolvimento dos indivíduos uns com os outros.*<sup>9</sup>

Eis a proposta de micro revolução. Mas como inseri-la no panorama atual, extremamente segmentado, individualizado justamente nesta conexão mundial da infovia ?

Kogawa acredita ser o momento de refletir em nova direção, revisando até mesmo a noção de “liberdade”:

---

<sup>8</sup> Kogawa, Tetsuo – from mini-fm to polymorphous radio – texto disponível no site do autor.

<sup>9</sup> Idem.

*(...) embora eu tenha estado envolvido com o movimento de Rádio Livre e Rádio Pirata, Mini-FM, desde os anos 80, agora tenho dúvidas se rádio, quando desenvolvido em seu máximo potencial pode ser, apropriadamente chamado, “free radio”.*<sup>10</sup>

### **A mais extrema possibilidade**

A história nos lembra o nascimento do rádio como algo relacionado ao domínio da invenção. De fato, neste estágio aonde a ciência e a técnica corriam através do desejo das descobertas sem ainda definir utilidade exterior a ela, inexistia a premissa de separar transmissores de receptores. Nesta estágio, destaca Kogawa, “liberdade” ainda era uma ideologia política válida, até se esgotar na separação entre os que poderiam ser livres (transmissores) e outros nem tanto (receptores). Daí os “ouvintes cativos”. Hoje, no panorama contemporâneo bastante diluído o próprio professor admite a emergência de outros conceitos de “liberdade”, de caráter completamente diferente...

(...) a situação em termos da micro transmissão está mudando porque AM está sendo extinto e quase não existem estações utilizando este tipo de transmissão. Também os canais em VHF estão acabando porque as pessoas dão preferência ao satélite ou cabo. Então talvez AM ou VHF se tornem espaços livres ...<sup>11</sup>

Novas tecnologias aparecerem nos anos 90, como os programas Real áudio e vídeo, enterrando definitivamente os problemas de técnicos das mini-fms. Nesta nova realidade, qualquer individuo pode transmitir local ou globalmente.

Atualmente sobrevivem cerca de cinco a dez estações de Mini-FM no Japão. No passado chegaram a mais de mil. Por volta de 1985 a moda passou, alimentada na pressão efetiva do governo e empresas de médio porte ameaçadas pelo movimento crescente, afinal, possuíam audiência em um esquema de transmissão muito barato e popular.

Além disso, se nos anos 70 os estudantes estavam cansados do consumo e da massificação das idéias, hoje parecem aos olhos observadores do professor Tetsuo Kogawa, mais narcisistas e menos interessados em política. Talvez

---

<sup>10</sup> Ibidem.

<sup>11</sup> Kogawa, Tetsuo – Manifesto estratégico – texto presente no site do autor.

seja reflexo da insatisfação, de qualquer forma parece claro que o próximo estágio desta cadeia da comunicação radiofônica estará relacionado a rede de conexões informáticas. Ali, embora o interesse político não seja o mesmo dos anos 80, a expectativa de renascimento do rádio mais uma vez apresenta desejo de reinvenção, relacionamento inter-pessoal, desenvolvimento de idéias e sua disponibilização.

Novembro de 1995 seria a abertura do site Polymorphous Space<sup>12</sup> aonde todo o processo das Micro FMs está documentado, incluindo o áudio de entrevistas com Félix Guattari, diagramas e ferramentas ensinando a construir um micro transmissor, experiências sonoras em radioarte, textos teóricos, informações sobre movimentos de micro-política, autonomia e diferenças entre rádio comunitário e rádio livre, entre outros assuntos.

Se a infovia substitui o território tecnológico das expectativas revolucionárias para o “antigo” rádio livre, por outro lado Kogawa acredita agora ser possível para o micro rádio se concentrar em seu extremo significado:

(...) micro não é mais oposto de macro, é interativo e corrente de transmissão, podendo exercer seu tamanho e autopoietic.<sup>13</sup>

Talvez este “novo” web micro rádio, este rádio obsoleto se transforme em arte, iluminura mais próxima de uma cultura tecnológica popular, simples e sofisticada como uma caligrafia japonesa.

\*\*\*

### **Referências bibliográficas:**

KOGAWA, Tetsuo – Toward Polymorphous Radio, in: RadioRethink, Augaitis, Dana e Lander, Dan 1994, Alberta, Canadá Walter Phillips Gallery.

- Rádio livre no Japão, in: Rádio Nova, Constelações da Radiofonia Contemporânea, 2, Zarembo, Lilian e Bentes, Ivana (org). Rio de Janeiro:UFRJ, ECO, Publique, 1997.

MEDITISCH, Eduardo (org) – Teorias do Rádio, textos e contextos. Florianópolis, Insular, 2005.

---

<sup>12</sup> <http://anarchy.translocal.jp>

<sup>13</sup> Ibidem.

